SHIRLEY DOMICIANO MARQUES DIAS

RESUMO:
O propósito desta pesquisa é investigar as diversas maneiras pelas quais a arte pode influenciar o desenvolvimento infantil. Para tanto, serão consideradas evidências e estudos provenientes das áreas de neurociência, psicologia e educação artística, visando compreender os impactos da exposição e prática artística nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais das crianças em fase de crescimento. Partimos do pressuposto de que a arte desempenha um papel significativo na formação das crianças, podendo contribuir para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e expressivas.
Ademais, esta pesquisa pretende contextualizar a influência da arte no desenvolvimento infantil por meio de uma análise sucinta dos momentos marcantes da história da arte, demonstrando como diferentes movimentos artísticos ao longo do tempo têm impactado as experiências estéticas e criativas das crianças. Também serão abordadas definições e conceitos fundamentais relacionados à arte, destacando sua relevância no contexto educacional e no estímulo ao pensamento crítico, à imaginação e à sensibilidade das crianças. Dessa forma, este artigo científico almeja não apenas explorar a importância da arte no desenvolvimento infantil, mas também apresentar embasamento teórico que justifique a integração da arte no ambiente educacional das crianças em tenra idade.
PALAVRAS-CHAVE: Arte; Desenvolvimento infantil; Processo cognitivo; sensibilidade; Pensamento crítico
ABSTRACT:

This research investigates how art influences child development, drawing on studies in neuroscience, psychology, and art education. It explores the impact of artistic exposure on children's cognitive, emotional, and social growth, emphasizing art’s role in developing motor, expressive, and thinking skills. The study also includes a brief analysis of key art history moments to show how different movements have shaped children's creative experiences. Fundamental concepts of art are addressed to highlight its importance in education,

encouraging imagination, sensitivity, and critical thinking. The goal is to justify integrating art into early childhood education through theoretical and historical foundations

KEY-WORDS: Art; Child development; Cognitive process; Sensitivity; Critical thinking.

1 INTRODUÇÃO

A arte sempre esteve intrinsecamente ligada à cultura da humanidade ao longo dos séculos. No entanto, surge a indagação se a humanidade já explorou plenamente todos os benefícios que ela pode proporcionar ao ser humano. A busca pela compreensão da influência da arte na formação e na expressão da humanidade tem sido um tema de constante interesse ao longo da história.
Friedrich Schiller (Iluminuras, 2002.), renomado filósofo e poeta do período romântico, expressou de forma magistral a relação entre a arte e a humanidade ao proferir que “A arte é a mão direita da natureza. A última só nos deu o ser, mas a primeira tornou-nos homens.” Essa perspectiva ressalta a importância vital da arte na evolução do ser humano, destacando- a como um meio fundamental de expressão e compreensão do mundo. Neste contexto, torna- se imprescindível explorar mais profundamente o impacto da arte no desenvolvimento humano, tanto individual quanto coletivo.
Além disso, ao expor as crianças a diferentes formas de arte, como pintura, música, teatro e dança, proporcionamos oportunidades para que elas desenvolvam um senso de apreciação estética e criatividade. Por exemplo, ao participar de atividades artísticas, as crianças podem aprender a expressar emo-

ções de maneiras não verbais, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais. Da mesma forma, ao observar obras de arte de diversas culturas, as crianças têm a chance de ampliar suas perspectivas e compreender a diversidade cultural de forma mais profunda.
A sociedade, frequentemente, tende a perceber e vivenciar a arte unicamente como uma forma de lazer e entretenimento, por vezes relegando-a a um papel de suposta inutilidade. Essa visão distorcida reflete-se nos currículos escolares, nos quais a educação artística muitas vezes é subestimada, mesmo que nas expressões artísticas haja muito mais do que simplesmente o que se vê em sua superfície. Urge, portanto, a necessidade de integrar, no processo educativo das crianças contemporâneas, elementos como significados profundos, sonhos, expressão individual e criatividade – elementos essenciais que são cultivados através da arte, quer seja como protagonista da criação ou como espectador atento.

A experiência artística vai além do mero entretenimento; ao ouvir uma música envolvente, ler um romance cativante ou mergulhar em qualquer narrativa, é inevitável não se permitir momentos de contemplação e reflexão profunda, pois tais manifestações artísticas estimulam os sentidos, a imaginação e os anseios interiores, provocando uma saudável inquietação.
Na contemporaneidade, marcada pela tendência à padronização e à constante mutação em todas as esferas da vida humana, os indivíduos são frequentemente levados a um estado de alienação diante dos acontecimentos e até mesmo de si mesmos. Nesse contexto desafiador, a arte emerge como uma força capaz de transcender as limitações temporais e provocar uma reflexão mais profunda e significativa. Defende-se, assim, a importância da inserção da arte no contexto educacional, sobretudo no ambiente da educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental – fases cruciais para o início da construção do conhecimento, da capacidade de fazer, inventar e apreciar, fundamentos essenciais para a edificação de uma vida plena e enriquecedora.

Ademais sobre o conceito dos benefícios da arte para a evolução humana, temos testemunhado um crescente interesse e exploração do potencial terapêutico da música. Neste sentido, esta pesquisa busca destacar a importância da música e das demais formas de arte no processo educacional das crianças, visando promover um desenvolvimento integral que englobe aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

2. PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Ao longo da trajetória da humanidade, a presença da cultura e das manifestações artísticas sempre foi uma constante na vida dos seres humanos. Desde os tempos remotos da pré-história, é possível observar a manifestação da necessidade humana de expressão, evidenciada pela prática de registrar a própria história por meio de desenhos e pinturas rupestres encontradas nas paredes das cavernas. O desenvolvimento humano está intimamente entrelaçado com a arte, uma vez que esta se revela como uma expressão simbólica capaz de comunicar significados profundos sobre o mundo. A arte desempenha um papel fundamental no crescimento individual, estimulando a imaginação e contribuindo para a formação de um senso crítico mais abrangente.
De acordo com o pensamento de Duarte Jr. (1985), a arte adquire significados profundos no âmbito sentimental, uma vez que possui o poder singular de instigar uma gama de sentimentos no espectador. Por meio de suas diversas formas de expressão, a arte consegue despertar emoções, provocar reflexões e estabelecer conexões íntimas com quem a contempla. Dessa forma, ao se deparar com uma obra artística, o indivíduo é convidado a mergulhar em um universo simbólico que transcende as barreiras da linguagem verbal,

permitindo-lhe explorar seus próprios sentimentos e percepções diante da experiência estética proporcionada.
Antes da chegada dos europeus ao território que hoje conhecemos como Brasil, as diversas comunidades indígenas que habitavam

essas terras já possuíam suas próprias formas de arte profundamente enraizadas em suas culturas e tradições. Por meio de pinturas corporais, objetos rituais, esculturas, danças, músicas e narrativas orais, os povos nativos expressavam sua conexão com a natureza, suas crenças espirituais e suas vivências cotidianas. Essas manifestações artísticas refletiam não apenas a estética singular de cada grupo indígena, mas também sua forma de compreender o mundo e de se relacionar com o sagrado e o profano. A arte indígena pré-colonial brasileira é um testemunho valioso da riqueza cultural e da criatividade desses povos ancestrais, que deixaram um legado artístico que ressoa até os dias atuais, entretanto vale dar importância as influências europeias que os nativos receberam para o nascimento da diversidade cultural rica que o Brasil possui.

Em 1549, os jesuítas chegaram ao Brasil com a missão de catequizar e pacificar os índios por ordem da classe dominante portuguesa. A partir das ações jesuíticas, surge assim a primeira manifestação do ensino de arte no Brasil, onde atraiam crianças indígenas através da música, dança, teatro e poesia, com a finalidade de instituir os padrões de comportamento da Igreja Católica. Essa abordagem educacional buscava não apenas converter os nativos ao cristianismo, mas também moldar sua visão de mundo e suas práticas culturais de acordo com os valores e as normas europeias impostas pela colonização. A introdução dessas expressões artísticas como instrumento de evangelização revela não apenas a estratégia dos jesuítas em disseminar a fé católica entre os povos indígenas, mas também evidencia o papel crucial que a arte desempenhou na construção da identidade cultural do Brasil desde os primórdios da colonização.

No entanto, foi somente com a chegada de Dom João VI ao Brasil em 1808 que a estruturação do ensino artístico começou a se delinear de forma mais organizada. Anteriormente, o ensino de arte era praticado pelos jesuítas e também por negros e mulatos, transmitido de forma informal de pai para filho ou de mestre para aprendiz. Foi somente quando Dom João VI nomeou Manuel Dias de Oliveira, pintor, gravador e escultor, para lecionar as Aulas Régias1, que o ensino artístico no Brasil ganhou um caráter mais institucionalizado. Manuel Dias de Oliveira tornou-se assim o primeiro professor público brasileiro a ministrar aulas de desenho com modelo vivo, contribuindo para a profissionalização e valorização do ensino das artes no país. Essa iniciativa marcou um

1 As Aulas Régias eram instituições de ensino criadas no Brasil durante o período colonial, com o objetivo de oferecer instrução em diversas áreas do conhecimento, incluindo as artes. Sob o patrocínio da Coroa Portuguesa, essas aulas visavam formar profissionais qualificados e difundir o ensino de disciplinas consideradas fundamentais para o desenvolvimento cultural e intelectual da colônia.

importante passo na história do ensino artístico no Brasil, estabelecendo as bases para o desenvolvimento e reconhecimento da educação artística no cenário nacional.

Em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil, foi estabelecida a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, representando um marco crucial na história do ensino artístico no país. Liderada por Joachim Lebreton, essa missão teve como objetivo principal introduzir no Brasil os princípios do Neoclassicismo e da Academia de Belas Artes de Paris. A criação da Academia Imperial de Belas Artes consolidou a estruturação oficial do ensino das artes no Brasil, estabelecendo padrões educacionais e promovendo a formação de artistas locais em diversas áreas, como pintura, escultura, arquitetura e gravura. Sob a influência dos mestres franceses, os alunos brasileiros tiveram a oportunidade de aprimorar suas habilidades técnicas e estéticas, contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade artística nacional.

Vale ressaltar que antes da criação da Academia Imperial de Belas Artes no Brasil, a arte popular era predominantemente influenciada pelo estilo barroco, que valorizava a exuberância e as peculiaridades do nativo brasileiro. No entanto, com o estabelecimento dessa nova instituição, a produção artística passou por uma significativa

transformação. A arte, que antes refletia as características locais e a diversidade cultural do país, passou a seguir os padrões neoclássicos europeus, alinhando-se aos gostos e interesses da burguesia emergente. Esse movimento representou uma mudança de paradigma na cena artística brasileira, que agora buscava se equiparar esteticamente às correntes artísticas predominantes na Europa, em especial o Neoclassicismo. Essa transição não apenas influenciou o estilo e os temas abordados pelos artistas brasileiros, mas também refletiu as mudanças sociais e culturais em curso no país durante o século XIX. A introdução do Neoclassicismo na produção artística brasileira através da Academia Imperial de Belas Artes marcou um ponto de inflexão na história da arte no Brasil, moldando as práticas criativas e os ideais estéticos da época. Segundo Ferraz e Fusari (1999, p.30)

Aqui, como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes, tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário o desenho tinha por objetivo desenvolver também essas habilidades técnicas e o domínio da racionalidade. Nas famílias mais abastadas, as meninas permaneciam em suas casas, onde eram preparadas com aulas de música e bordados entre outras.

O prestígio da Academia era tão marcante que os pintores, embora aprimorassem sua técnica, viam-se muitas vezes privados de sua espontaneidade artística. A instituição impunha seu programa de maneira autoritária, priorizando o produto final e reverenciando o professor como detentor absoluto da verdade. Qualquer tentativa de inovação, seja no campo cultural,

pedagógico ou estético, era reprimida, sempre sob a proteção do Imperador. Esse ambiente controlador e conservador acabava por limitar a liberdade criativa dos artistas, moldando suas obras conforme as diretrizes impostas pela Academia.

A partir de 1870, o Brasil testemunhou um período de significativas transformações culturais, impulsionadas pelo rápido avanço da industrialização. Nesse cenário em evolução, o ensino de arte assumiu um novo papel, passando a ser direcionado também para a formação de mão de obra especializada. Com a instauração da República, iniciou-se um processo gradual de rompimento com os padrões convencionais da arte ensinada pela Academia de Belas Artes, que foi rebatizada como Escola Nacional de Belas Artes. Esse movimento representou uma mudança na abordagem do ensino artístico no país, refletindo a necessidade de adequar a formação dos artistas às demandas de uma sociedade em transformação e em busca de progresso econômico e cultural. A transição para a Escola Nacional de Belas Artes marcou uma nova fase no panorama artístico brasileiro, caracterizada por uma maior abertura a novas influências e correntes estéticas, rompendo com as amarras do academicismo vigente até então.

Com a ascensão da República, novas leis educacionais foram promulgadas, favorecendo a inclusão do desenho geométrico no currículo escolar. Essa medida visava não apenas desenvolver a racionalidade dos estudantes, mas também atender às demandas da crescente industrialização do país. A introdução do desenho técnico no ensino artístico marcou o início de um conflito entre as belas artes e as artes industriais, representando uma dicotomia na abordagem educacional. Esse embate pode ser exemplificado pela diferença de enfoque entre as escolas de arte do Rio de Janeiro e de São Paulo. Enquanto a escola carioca valorizava a arte pela arte, enfatizando o lado artístico e a expressão criativa, os paulistas destacavam o ensino técnico-científico, voltado para a formação profissional e a inserção dos alunos no mercado de trabalho. Essa dualidade de perspectivas refletia não apenas as diferentes visões sobre o papel da arte na sociedade, mas também os interesses e necessidades específicas das regiões em meio ao contexto de transformações socioeconômicas do período republicano no Brasil. Podemos afirmar que o ensino de arte em São Paulo, nessa época, apresentava uma orientação tecnicista, caracterizada pela ênfase dada ao desenho na educação popular. Esse enfoque era influenciado pelos ideais liberais,

que consideravam o desenho como a disciplina mais relevante a ser ensinada nas escolas primárias e secundárias. No contexto da Escola de Belas Artes de São Paulo, essa abordagem tecnicista se refletia na valorização da formação profissional dos alunos, priorizando o desenvolvimento de habilidades técnicas e científicas para prepará-los para o mercado de trabalho. Dessa forma, a instituição buscava atender às demandas da sociedade paulista em um período de intensas transformações econômicas e industriais, destacando a

importância do desenho como ferramenta essencial para a formação dos futuros profissionais e artistas da região.

Na década de 1920, emergiu em São Paulo a Semana de Arte Moderna, evento que acompanhou e refletiu o pensamento modernista da época. Seu desígnio era romper com os padrões artísticos vigentes, sendo reconhecido como o cenário no qual eclodiram inovações que abandonaram a estética perfeccionista do século XIX. Os artistas participantes almejavam a liberdade de expressão e a expressão da criatividade. Contudo, socialmente, o movimento não foi bem recebido, uma vez que o público não assimilou essa nova forma de arte, resultando em descontentamento. Esculturas, quadros e peças artísticas não obtiveram a aprovação desejada, levando a Semana a não alcançar o público pretendido. Atualmente, esse movimento é considerado um marco indelével na história da arte brasileira por ter facultado à arte se desvencilhar das normas anteriormente estabelecidas pela estética europeia.

Por volta de 1930, com o processo de democratização política, surge a Pedagogia Nova, também conhecida como Movimento da Escola Nova. Essa abordagem educacional teve origem nos Estados Unidos e na Europa ao longo do século XIX, sendo influenciada pelas ideias de John Dewey2 e Viktor Lowenfeld3. Essas ideias se alinharam com as mudanças em curso no Brasil, que buscava modernização e democratização no campo educacional. A implementação dessa inovação pedagógica no país foi liderada por Anísio Teixeira e Nereu Sampaio, que, assim como os modernistas, baseavam-se em uma visão psicopedagógica que valorizava o ensino da arte como forma de livre expressão. A respeito da Escola nova Biasoli (1999, p. 61) diz que

Esse novo caminho enfatiza a relação existente entre o processo afetivo e cognitivo, apontando para a concepção da arte como produto interno que reflete uma organização mental. Surgem as primeiras condenações aos modelos que impõem a observação como forma - até então, ideal – de ensinar arte. A crença agora é de que a arte não é ensinada, mas expressada, assim, a criança é quem procura seus próprios modelos, com base na sua própria imaginação.

2 John Dewey (1859-1952) foi um filósofo, psicólogo e pedagogo norte-americano, considerado um dos principais expoentes da pedagogia progressista. Suas ideias influenciaram profundamente a educação, defendendo uma abordagem prática e experimental, centrada no aluno e em sua experiência como base para o aprendizado.

3 Viktor Lowenfeld (1903-1960) foi um psicólogo e educador austríaco-americano conhecido por suas contribuições no campo da educação artística. Ele desenvolveu teorias sobre o desenvolvimento da criatividade e da expressão artística em crianças, enfatizando a importância do processo criativo e da auto expressão na aprendizagem artística.

Na pedagogia formulada no âmbito da Escola Nova, a arte era empregada com o propósito de valorizar os estados psicológicos dos discentes, respaldando-se na psicologia cognitiva, a qual fundamentava-se na expressão artística como elemento essencial nos processos mentais de desenvolvimento do indivíduo. Os educadores passaram a adotar a concepção de que o aluno se expressa de forma individual e subjetiva, configurando um processo conhecido como livre expressão, cuja influência foi notável no período compreendido entre 1914 e 1971, deixando

marcas significativas no ensino das artes até os dias atuais.
No contexto da ditadura militar no Brasil, emergiu a escola tecnicista, cujo cerne residia no sistema de ensino técnico voltado para a organização curricular e aulas direcionadas à construção de competências visando a inserção dos estudantes no mercado de trabalho. Nesse cenário, o docente passou a ser percebido como um técnico competente dos cursos, incumbido do planejamento e execução das atividades escolares.
Nesse cenário, o indivíduo era concebido como um produto do ambiente, no qual predominava a ênfase na eficiência e produtividade, sendo a formação acadêmica direcionada para a criação de uma sociedade industrial orientada pela economia. Durante esse período, observou-se uma significativa valorização dos livros didáticos no âmbito artístico, os quais tinham por objetivo preparar o aluno nas áreas ligadas ao desenho técnico, pontos geométricos e gráficos, estudo de perspectiva, técnicas de produção e desenho industrial.
Em 1961, teve início um debate entre acadêmicos com o propósito de reavaliar a efetiva contribuição da instituição escolar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, almejando a formação de um ensino conscientizador. Nesse contexto, a educadora Ana Mae Barbosa emergiu como figura central ao destacar a importância do conhecimento do percurso histórico do ensino da arte, fundamentando-se na premissa de que a recuperação histórica desse campo de estudo é crucial para o desenvolvimento de compreensões pessoais e sociais, capacitando indivíduos a lidar eficazmente com tais realidades.
Em 1990, a mencionada educadora concebeu a “proposta triangular”, uma abordagem que visava intervir positivamente na qualidade do ensino da arte. Os três pilares fundamentais dessa proposta consistem nas vertentes do conhecimento artístico: a prática artística, a análise de obras e a história da arte. Barbosa ressalta que a arte deve ser ensinada por meio da própria prática artística, promovendo o autoconhecimento e sendo categorizada como essencialista, ao defender a conexão intrínseca entre arte e cognição, considerando-a como um dos principais meios de expressão da razão.
No entanto, apesar de toda a trajetória histórica que envolve o ensino da arte no Brasil, somente com a promulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é que essa disciplina passou a ser reconhecida como uma área de conhecimento formal.

Anteriormente, sua abordagem restringia-se a uma atividade curricular facultativa, não obrigatória.

3. A ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNE (BRASIL, 1998 p. 85)

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais.
As instituições de ensino adotam o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) em Artes como guia para suas práticas pedagógicas, o que reforça a concepção de que a aprendizagem artística é um conhecimento de igual relevância em relação às demais áreas, desempenhando um papel fundamental na formação e no desenvolvimento das crianças.
As manifestações das artes visuais permeiam o cotidiano infantil, manifestando-se de maneira simples, como nos rabiscos e desenhos espontâneos realizados em diversos contextos, muitas vezes de forma casual. A arte é reconhecida como uma linguagem essencial para a expressão e comunicação

humanas, o que justifica sua importância na base educacional da primeira infância.
Embora em algumas abordagens pedagógicas as artes visuais sejam consideradas secundárias, sendo vistas meramente como entretenimento ou elementos decorativos utilizados para reforçar outras formas de aprendizado, pesquisas científicas têm reiterado a importância crucial da arte no desenvolvimento infantil. Estudos apontam que a arte contribui significativamente para o estímulo da criatividade, imaginação, expressão e sensibilidade das crianças.
Uma parcela significativa do conhecimento em artes visuais é adquirida por meio da prática artística e do contato com objetos artísticos. Durante seu processo de

aprendizagem nas artes, a criança percorre um caminho de criação e construção individual, desenvolvendo-se de forma única e autônoma.
Com base no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, podemos concluir que a arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade infantil e no futuro das crianças, ao mesmo tempo em que proporciona meios para enriquecer e embelezar suas vidas.

3.1 MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA

A criança utiliza uma linguagem simbólica para expressar sua própria realidade, surgindo assim a necessidade de proporcionar à criança contato com a arte, para que desde muito cedo ela faça leituras que auxiliem na construção dos símbolos e da representação.
O processo de construção na infância deve ser abordado de maneira divertida e integrada, por meio da valorização do brincar, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade. O lúdico, a imaginação e o "faz de conta" são elementos cruciais para que a criança aprenda a se expressar.
A expressão atribuída a essa prática pode ser denominada como "jogo simbólico", comparável aos jogos dramáticos que desempenham funções extremamente semelhantes na arte. Ou seja, a criança se expressa de maneira espontânea, revelando traços de sua personalidade, experiências e conhecimentos reais. Nestes momentos, o medo de errar não importa, apenas o prazer de experimentar.
Quando a criança produz arte, constrói e reconstrói pinturas, desenhos, danças e músicas, essas expressões refletem sobre seu mundo, criando automaticamente sua própria história. A importância da expressão cresceu junto à Escola Nova, pois seu princípio era de que a arte não é ensinada, mas sim expressada.
A respeito do assunto Lowenfeld (1977, p 30) diz que
A criança que se expressa de acordo com seu nível é encorajada em seu próprio pensamento independente e exprime suas ideias, suas reflexões, por seus próprios meios. A criança que imita pode torna-se dependente no raciocínio e subordinar suas ideias e a expressão destas às de outrem. Se a criança que imita não pode dar expressão às suas reflexões, sua dependência dos outros pode levá-la ao malogro. A criança inibida, contraída, mais acostumada à imitação do que à auto-expressão, apoia-se nos pais, nos professores ou nos

companheiros, para receber orientação. A arte, através da auto- expressão, pode desenvolver o eu como importante ingrediente da experiência. Como quase todos os distúrbios emocionais ou mentais estão vinculados à falta de autoconfiança, é fácil perceber como a estimulação adequada da capacidade criadora da criança pode fornecer salvaguarda contra tais distúrbios.

3.2 O PODER FORMATIVO DA ARTE

Na perspectiva de Heller (1982), os seres humanos, de maneira geral, em seu cotidiano, se comportam de acordo com o ambiente ao seu redor, adquirindo espontaneamente e de forma pragmática hábitos do seu entorno. Eles utilizam conceitos que muitas vezes são apenas reflexos de opiniões coletadas de diversas fontes, sendo que, em geral, o senso comum nunca é ultrapassado na sociedade. O indivíduo é capaz de elaborar uma concepção de mundo e orientar sua vida por meio dela.

O combate à alienação à qual a sociedade estava sujeita a ser exposta deve ser abordado em um processo que demanda que o indivíduo desenvolva uma autoconsciência ou consciência filosófica, sendo a arte e a educação os principais instrumentos de combate. Nesse sentido, é imprescindível considerar o ensino artístico como uma ferramenta fundamental.

No âmbito artístico, o sujeito revela a ficção e a irrealidade presentes em suas relações, tanto no que diz respeito ao seu inconsciente quanto nas interações com os outros. A ausência da vivência do prazer proporcionado pela arte, tanto por parte do professor quanto do aluno, inviabiliza a reconstrução de qualquer teoria relacionada à arte-educação. Desde o período modernista, discutia-se sobre a capacidade da arte em contribuir para a formação da sensibilidade do indivíduo; contudo, poucos se dedicaram a conceituar esse processo.

Dentre os renomados estudiosos que se debruçaram sobre esse tema, destaca-se Reind, autor da obra "Educação pela Arte", cujo cerne abordava uma proposta educacional centrada na sensibilidade, alertando para o receio de que essa abordagem já estivesse caindo no esquecimento.

Hoje, o principal objetivo não é apenas desenvolver a sensibilidade por meio da arte, mas também visa construir um sólido desenvolvimento cultural nos alunos, sobretudo nas crianças. Compreender a cultura de um país é inseparável do entendimento de sua arte, visto que esta é considerada uma linguagem que amplifica

os sentidos e transmite significados que não podem ser interpretados de outra maneira.

Incorporar o ensino artístico no contexto educacional não só fomenta a apreciação estética e a expressão criativa, mas também desempenha um papel crucial na formação de indivíduos culturalmente conscientes e historicamente informados. Ao promover a interação com diferentes manifestações artísticas, os estudantes têm a oportunidade de mergulhar em narrativas visuais e sonoras que refletem as tradições, valores e identidades de uma sociedade.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer a arte como um veículo poderoso para a transmissão de conhecimento cultural, incentivando a reflexão crítica e a apreciação da diversidade artística. Ao integrar o ensino artístico de forma holística no currículo escolar, abre-se espaço para o enriquecimento da experiência educacional dos alunos, contribuindo para a formação de cidadãos mais engajados e culturalmente enriquecidos.

É importante ressaltar o conceito da arte como uma questão mais abrangente, que engloba sua inserção no espaço educativo por meio de um projeto pedagógico com enfoque em arte. Esta questão merece destaque, uma vez que, entre as diversas disciplinas, a arte é a única que demanda ênfase em sua nomenclatura, diferentemente de termos como "matemática educacional".

A arte não se opõe nem compete com a ciência, mas nos permite compreender aspectos que a ciência não alcança. Ao se envolver em um trabalho artístico, o indivíduo pensa, recorda, sente, observa, fala e se concentra, ativando todos os sentidos simultaneamente.

A perspectiva da arte como um potencial educativo deve ser abordada de maneira interativa, preparatória e interdisciplinar. Um exemplo é a conexão que uma obra de arte específica possui com o contexto histórico de sua época, estando intimamente ligada às raízes culturais de um país.

A exposição a diversos tipos de arte, estilos, períodos e artistas é extremamente benéfica e necessária, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade sem impor preferências de terceiros ou padrões subjetivos historicamente determinados pela época, local ou classe social.

A função social e educativa da arte se torna implícita, não se tratando de um conhecimento abstrato, mas sim real e emocional. Ainda que gradualmente, a situação do ensino de arte no Brasil começa a apresentar um novo cenário, apesar da

necessidade de desvincular certos conceitos e práticas relacionados ao ensino artístico nas escolas. As contribuições da arte para a educação infantil devem ser sempre consideradas, pois são vitais para o desenvolvimento da criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os teóricos da arte reconhecem que tanto a capacidade de produção quanto a sensibilidade artística são fruto de uma construção pessoal que está intrinsecamente ligada a um repertório condicionado pelo contexto histórico e cultural específico.

O ensino da Arte nas escolas, a começar pela educação infantil, requer um processo estruturado para alcançar resultados eficazes, o que tem se tornado cada vez mais viável graças à abordagem teórica historicamente construída conhecida como proposta triangular. Esta abordagem se fundamenta em três pilares essenciais: a história da arte, a leitura da imagem e a prática artística, demandando do educador um comprometimento com a formação contínua para garantir que o ensino seja verdadeiramente significativo.

Em síntese, podemos concluir que a arte na educação necessita ser reavaliada, afastando-se da ideia de ser apenas um acessório complementar a outras atividades, e sim se estabelecer como o cerne principal de uma aula. Com técnicas, apreciações e criações, a arte deve ser considerada como a atividade central, proporcionando um enriquecimento integral no desenvolvimento dos alunos.

Dessa forma, podemos afirmar que a arte é universal, pois se conclui que ela desempenha um papel fundamental na formação individual e na construção do pensamento crítico e da consciência. Isso se reflete no conhecimento abrangente sobre o mundo e na compreensão da diversidade cultural que o permeia.

REFERÊNCIAS

- A., RICARDO. Sobre o sublime teórico em Schiller e o espírito trágico do idealismo transcendental. Revista Analytica, v. 18, n. 2, p. 1- 22, 2014.
- BARBOSA, A. M. Recorte e colagem: influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 04 maio 2025.
- FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. de T. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.
- GONÇALVES, A. A.; VIEIRA, M. L. B. A importância da arte na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento integral da criança. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 5, n. 10, p. 86-103, 2020. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/arte-na- educacao-infantil. Acesso em: 04 maio 2025.
- HELLER, A. La revolución de la vida cotidiana. Barcelona: Península, 1982.
- PEREIRA FRANGE, L. B. A arte no processo educativo. Educação (Santa Maria. Online), v. 31, n. 2, p. 213-225, 2006. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117117232002. Acesso em: 04 maio 2025.
- READ, H. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHILLER, F. A educação estética do homem numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SOUZA, R. C.; COSTA, M. A. B. O ensino da arte na educação infantil: uma experiência significativa no desenvolvimento da criança. Revista Exitus, v. 12, n. 2, p. 110-127, 2022. Disponível em: https://periodicos.ifap.edu.br/index.php/exitus/article/view/1130. Acesso em: 04 maio 2025.